

SURRENDER

40 músicas, uma história

G

BONO

SURRENDER

40 MÚSICAS, UMA HISTÓRIA

BONO

TRADUÇÃO DE ROGERIO W. GALINDO



Copyright © 2022 by Bono

Esta tradução foi publicada mediante acordo com Alfred A. Knopf, um selo da The Knopf Doubleday Group, uma divisão da Penguin Random House, LLC

TÍTULO ORIGINAL

Surrender: 40 songs, one story

PREPARAÇÃO

João Sette Camara

REVISÃO

Marcelo Vieira

Rayana Faria

REVISÃO TÉCNICA

Manoel Magalhães

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DO ENCARTE

Anton Corbijn, Gavin Friday e Shaughn McGrath

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B712s

Bono, 1960-

Surrender : 40 músicas, uma história / Bono ; tradução Rogerio W.

Galindo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

640 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Surrender: 40 songs, one story

ISBN 978-65-5560-357-6

1. Bono, 1960-. 2. Músicos de rock - Biografia - Irlanda. I. Galindo, Rogerio W. II. Título.

CDD: 782.42166092

22-79812

CDU: 929:78.071(417)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

1ª edição

MARÇO DE 2022

impressão

LIS GRÁFICA

papel de miolo

PÓLEN NATURAL 70G/M²

papel de capa

CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M²

tipografia

DANTE MT

Para Ali

I hear the ancient footsteps like the motion of the sea
Sometimes I turn, there's someone there, at times it's only me.
— Bob Dylan, "Every Grain of Sand"

★

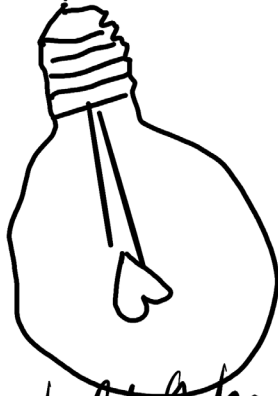
Ouço passos antigos como o movimento do mar
Algumas vezes me viro, há alguém lá, noutras, sou apenas eu.

PARTE I

Não posso mudar o mundo,
mas posso mudar o mundo em mim.

— SFX Theatre, Dublin, dezembro de 1982

a bicuspid view of the world
starts way before



I am told I have
an eccentric heart.....

Lights of Home

*I shouldn't be here 'cause I should be dead
I can see the lights in front of me
I believe my best days are ahead
I can see the lights in front of me.**

Nasci com um coração excêntrico. Em uma das cavidades do meu coração, enquanto a maioria das pessoas têm três portas, eu tenho duas. Uma porta vaivém, que no Natal de 2016 estava se soltando das dobradiças. A aorta é sua artéria principal, um colete salva-vidas, que transporta o sangue oxigenado pelos pulmões, a fim de transformá-lo em vida. Descobrimos que, ao longo do tempo, minha aorta foi se deteriorando até criar uma bolha prestes a estourar, o que me mandaria dessa para uma melhor sem tempo nem de ligar para a emergência. Sem tempo para sequer dizer adeus.

Então, estou aqui. Hospital Mount Sinai, Nova York.

Eu me vejo de cima, um arco de luzes refletido no aço inoxidável. Penso que a luz é mais dura do que a bancada em que estou deitado. Meu corpo parece desconectado de mim. Carne macia e osso duro.

Não é um sonho, não é uma visão, mas parece que estou sendo serrado ao meio por um mágico. Meu coração excêntrico está congelado.

* Eu não deveria estar aqui, porque eu deveria estar morto/ Posso ver as luzes na minha frente/ Acredito que meus melhores dias estão por vir/ Posso ver as luzes na minha frente.

Alguma remodelação precisa ser feita longe de todo esse sangue quente que corre pelo corpo fazendo uma bagunça; o que costuma acontecer quando o sangue não está mantendo você vivo.

Sangue e ar.

Sangue e vísceras.

Sangue e cérebro é do que preciso agora, caso queira continuar a cantar minha vida e a vivê-la. Meu sangue.

O cérebro e as mãos do mágico que está em pé acima de mim e que é capaz de transformar um dia muito ruim em um muito bom com a estratégia e a execução corretas.

Nervos e lâminas de aço.

Agora este homem está subindo pelo meu peito, movimentando sua lâmina com a soma das forças da ciência e da carniceria. As forças necessárias para abrir caminho e entrar no coração de alguém. A mágica que é a medicina.

Sei que não parecerá um bom dia quando eu acordar depois de oito horas de cirurgia, mas também sei que acordar é a melhor opção.

Mesmo incapaz de respirar e com a sensação de estar sufocando. Mesmo buscando desesperadamente por ar, em vão.

Mesmo que eu esteja alucinando, porque agora estou tendo visões, e tudo está ficando com um ar meio William Blake.

Estou com muito frio. Preciso estar ao seu lado, preciso do seu calor, do seu encanto. Estou vestido para o inverno. Estou deitado na cama, de botas, mas morrendo de frio.

Estou sonhando.

Estou em uma cena de algum filme em que a vida do protagonista está sendo drenada. Em seus últimos suspiros, ele está aborrecido e questionando seu grande amor.

“Por que você está indo embora? Não me abandone!”

“Estou bem aqui”, lembra a mulher que ele ama. “Não saí daqui.”

“O quê? Não é você que está indo embora? Sou eu que estou indo embora? Por que estou indo embora? Não quero deixar você. Por favor, não me deixe ir.”

Existem alguns segredinhos sórdidos a respeito do sucesso para os quais estou apenas começando a acordar. Ao mesmo tempo, também estou acordando deles.

O sucesso como resultado de uma disfunção, uma desculpa para tendências obsessivo-compulsivas.

O sucesso como recompensa por um trabalho muito, muito árduo, que pode esconder algum tipo de neurose.

O sucesso deveria vir com uma advertência de saúde: para o *workaholic* e para aqueles ao seu redor.

O sucesso pode ser impulsionado por alguma vantagem ou circunstância injustas. Se não por um privilégio, então por um dom, um talento ou alguma outra forma de riqueza herdada.

Mas o trabalho árduo também se esconde atrás de algumas dessas portas.

Sempre achei que o motivo do meu sucesso era o dom de compor não apenas em cima de melodias, mas também na política, no comércio e no campo das ideias em geral.

Onde outros ouviriam harmonia ou contraponto, eu era melhor em compor de acordo com o ambiente, o gancho, o pensamento claro. Provavelmente pela necessidade de cantar a linha melódica, ou vendê-la.

Hoje, vejo que minha vantagem era algo mais comum, mais vulgar. Minha vantagem era genética, era o dom do... ar.

Isso mesmo.

Ar.

“Seu marido tem um poder de fogo e tanto naquele arsenal que carrega dentro do peito.”

Diz o sujeito que serrou meu esterno para a minha esposa Ali e parentes mais próximos depois da cirurgia.

“Tivemos que usar fio extraforte para costurá-lo. Ele provavelmente tem cerca de 130% da capacidade pulmonar normal para a idade dele.”

Ele não usa a palavra “aberração”, mas Ali me diz que começou a pensar em mim como o detetive anfíbio que protagonizava *O homem do fundo do mar*, aquele seriado de ficção científica dos anos 1970.

David Adams, o homem a quem devo minha vida, o cirurgião-mágico, tem um sotaque do sul e, em meu estado blakeano exacerbado, começo a confundi-lo com o vilão ensandecido de *O massacre da serra elétrica*. Ouço ele perguntar a Ali sobre tenores, que não são conhecidos por percorrer o palco cantando notas agudas.

“Um tenor não devia ficar com as duas pernas afastadas, os pés bem firmados ao chão, antes de sequer pensar em cantar um dó agudo?”

“Aham”, digo, sem abrir a boca, e antes que o efeito dos remédios passe. “Um tenor tem que transformar a cabeça em caixa de ressonância, e o corpo em fole para fazer os copos estourarem.”

Eu, por outro lado, tenho corrido por arenas e estádios há trinta anos cantando “Pride (In the Name of Love)”, em lá ou si, dependendo do ano.

Na década de 1980, o elegante cantor inglês Robert Palmer parou Adam Clayton para implorar a ele: “Será que um dia você vai conseguir convencer seu vocalista a cantar alguns tons abaixo? Vai ser mais fácil pra ele e pra todos nós que temos que ouvir.”

Ar é vigor.

Ar é a confiança para enfrentar grandes desafios ou grandes oponentes.

Ar não é o desejo de superar qualquer Everest que surja pelo caminho, mas a capacidade de suportar a escalada.

Ar é o que você precisa em qualquer face norte.

Ar é o que dá à criança pequena a confiança de que ela não vai sofrer *bullying* no parquinho ou que, caso sofra, o valentão vai apanhar até perder o fôlego.

E, nesse momento, aqui estou eu, sem ar pela primeira vez.

Em uma emergência de hospital, sem ar.

Sem fôlego.

Os nomes que damos a Deus.

Todos feitos de ar nos pulmões.

Jeováááá.

Aláááá.

Yeshuaaaa.

Sem ar... sem um ar... sem uma ária.

Estou apavorado porque, talvez pela primeira vez, recorro à minha fé e não a encontro.

Sem ar.

Sem uma prece.

Sou um tenor cantando embaixo d’água. Sinto meus pulmões se enchendo. Estou me afogando.

Estou alucinando. Tenho uma visão de meu pai num leito de hospital e eu dormindo ao seu lado, em um colchão no chão. Beaumont Hospital, Dublin, verão de 2001. A respiração dele é profunda, mas está ficando cada vez mais superficial, como a cova em seu peito. Ele grita meu nome, e me confunde com o meu irmão, ou vice-versa.

“Paul. Norman. Paul...”

“Pai.”

Eu pulo e chamo uma enfermeira.

“Você está bem, Bob?”, sussurra ela em seu ouvido.

Estamos em um mundo de sussurros percussivos e vivos, um mundo sibilante, o tenor do meu pai se transforma em uma série de respirações curtas e metálicas, um S após cada expiração.

“Sim sssssssssssssssssssssssss.”

O Parkinson roubou sua sonoridade.

“Eu quero ir para casa sssss, eu quero sair daqui sssss.”

“Diga de novo, pai.”

Como a enfermeira, estou debruçado sobre ele, meu ouvido perto de sua boca.

Silêncio.

Seguido por outro silêncio.

Seguido de “SAI DAQUI!”.

Há algo perfeitamente imperfeito na partida do meu pai deste mundo. Acho que ele não estava mandando a mim, ou a atenta enfermeira da noite, embora. Prefiro acreditar que se dirigia ao fardo que carregara por grande parte da vida.

Naqueles últimos dias, ele me dissera que, ao aceitar o câncer, tinha perdido a fé, mas também que eu nunca deveria perder a minha. Que minha fé era a coisa mais interessante a meu respeito.

Encorajado, li para ele um salmo do rei Davi, o Salmo 32.

Davi também estava com problemas. Meu pai não estava no clima para um sermão e vi quando ele revirou os olhos, provavelmente não para o céu.

Quando eu guardei silêncio, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia.

Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequidão de estio.

Por isso, todo aquele que é santo orará a ti, a tempo de te poder achar; até no transbordar de muitas águas, estas não lhe chegarão.

Tu és o lugar em que me escondo; tu me preservas da angústia; tu me cinges de alegres cantos de livramento.

Aquilo era para ele, ou para mim?

O velho confessou admirar aquilo que lhe parecia ser uma “conversa direta com o sujeito do andar de cima”.

“Minha conversa é sempre de mão única, então corta essa, está bem? Estou tentando ter um pouco de paz aqui.” Bem, ele não teve paz aqui, mas quero acreditar que tenha encontrado lá.

E onde é esse “lá”? Nossa casa.

Não sei se entendo o que significa.

Eu me despeço, respiro fundo e começo a correr atrás de entender.

Primavera de 2015.

Mais luz branca e fria. Aço e vidro.

Enjoo.

Desta vez, não é uma situação que envolva risco de vida. Estou no banheiro ao lado de um camarim no subsolo de um ginásio de hóquei em Vancouver, Canadá, diante do espelho. É maio de 2015, a primeira noite da “Innocence + Experience Tour”.

Nunca fui vaidoso quando mais jovem. Evitava ficar na frente de espelhos. Mas aqui estou eu, em um banheiro de azulejos brancos, observando meu rosto para ver se, em uma segunda olhada, ele fica mais atraente.

Posso ouvir o barulho da multidão através das paredes, cantando “Cars”, de Gary Numan. “Here in my car/ I feel safest of all/ I can lock all my doors/ It’s the only way to live/ In cars.”*

Estou no futuro com o qual sonhei quando, no final dos anos 1970, ouvi pela primeira vez essa música cheia de sintetizadores. Nem acredito que agora, aos 55 anos, descolori meu cabelo com água oxigenada ao estilo daquela época. Cor de asinha de frango, como um crítico espanhol escreveria mais tarde. O estrondo da arena só aumenta minha empolgação. Volto para o camarim, uma cápsula do tempo, e reclamo que se parece com o que tínhamos na última turnê. Me dizem que é o mesmo faz vinte anos. Juta verde, fios de luzinhas pisca-pisca, sofá de couro marrom. Depois de todo esse tempo, por que me arrumar para conhecer 18.474 dos meus amigos

* “Aqui no meu carro/ Me sinto mais seguro do que em qualquer outro lugar/ Posso trancar todas as minhas portas/ É o único jeito de viver/ Dentro de um carro.”

mais próximos é tão estressante? É a noite de estreia de uma turnê mundial, mas, como sempre, não estou sozinho.

Larry tem uma aura angelical, o olhar de alguém que viu o além-mundo. Acho que talvez tenha visto, tendo enterrado o pai na véspera. Adam parece o protagonista de um filme de arte. Imper turbável. Edge é tenso e intenso, mas quase capaz de disfarçar isso.

Como de costume antes de cada show, rezamos.

Às vezes parecemos até desconhecidos rezando por um entrosamento que possa ser útil ao público esta noite. Útil? Para a música. Para algum propósito mais elevado. De alguma forma estranhamente familiar, somos transformados. Começamos nossas orações como camaradas; terminamos como amigos que encontram uma imagem diferente de si mesmos, assim como do público que estamos prestes a conhecer e que nos transformará novamente.

Ser útil é um pedido curioso. Nada romântico. Um pouco chato, até, mas está no cerne de quem somos e do motivo pelo qual ainda estamos aqui enquanto banda. Homens que se conheceram ainda garotos. Homens que quebraram a promessa que jaz no coração do rock 'n' roll: a de que você pode ter o mundo, mas o mundo terá você em troca. Você pode ter o seu complexo de messias, mas deve morrer na cruz aos 33 anos, e todos têm o direito de pedir o dinheiro de volta. Nós rejeitamos isso. Até o momento.

Somos homens que carregam cicatrizes de várias lutas com o mundo, mas cuja visão é notavelmente nítida, levando em conta as vicissitudes e a surrealidade de trinta e cinco anos tocando em estádios.

Agora, através das paredes, posso ouvir “People Have the Power”, da Patti Smith, sinal de que temos cinco minutos e dez segundos antes do show, cinco minutos e dez segundos antes de descobirmos se ainda temos a oferecer o que as pessoas desejam, que não é apenas nossa música ou nossa amizade. O que oferecemos é nossa banda como um conjunto de elementos químicos capaz de gerar uma reação entre nós e o público. Isso é o que transforma uma banda boa em uma banda ótima.

O rugido da multidão aumenta enquanto descemos o corredor do vestiário, um rugido que transforma este rato que vos fala em leão. Estou com o punho erguido enquanto caminho para o palco, enquanto me preparo para entrar na música. Nas próximas páginas tentarei explicar o que isso significa. Mas, depois de quarenta anos,

SURRENDER

sei que se conseguir ficar dentro das músicas, elas cantarão a mim e a noite não será de trabalho, mas de pura diversão.

Um coral de quase vinte mil pessoas canta o refrão de “The Miracle (Of Joey Ramone)”, e enquanto Edge, Larry e Adam caminham até a frente do palco, vou andando sozinho ao encontro deles pelo lado oposto da arena. Ando em meio à nossa plateia, através desse barulho. Em minha mente, tenho 17 anos, e estou saindo de casa, na região norte de Dublin, descendo a Cedarwood Road, a caminho dos ensaios com esses homens, tantos anos atrás, quando eles também eram meninos.

Estou saindo de casa para encontrar um lar. E estou cantando.

The made of Joey Ramone



Out of Control

Monday morning
Eighteen years of dawning
I said how long
*Said how long.**

Estou pulando pela sala de estar do número 10 da Cedarwood Road ao som de “Glad to See You Go” do álbum *Leave Home*, dos Ramones.

You gotta go go go go goodbye
Glad to see you go go go go goodbye.†

É 1978, dia do meu aniversário de 18 anos.

Essas músicas são tão simples e, no entanto, expressam uma complexidade muito mais relevante para minha vida do que *Crime e castigo*, de Dostoiévski, o qual acabei de ler. Levei três semanas e meia para terminar. Este álbum tem só vinte e nove minutos e cinquenta e sete segundos. Músicas tão simples que mesmo eu consigo tocar no violão. E eu não sei tocar violão.

Músicas tão simples que mesmo eu poderia tê-las escrito. Isso seria um tipo de revolução pessoal, cujas reverberações podem ser

* Segunda-feira de manhã/ Dezoito anos de começos/ Eu disse “quanto tempo”/ Disse “quanto tempo”

† Você tem que ir, ir, ir, ir, adeus/ Fico feliz em ver você ir, vá, vá, vá, adeus.

sentidas até no andar de cima, no quarto vazio de Norman, meu irmão mais velho, ou, mais importante ainda, na cozinha, do outro lado do corredor, onde meu pai está sentado.

Meu pai, que quer conversar comigo sobre eu procurar um emprego. Um emprego!

Emprego é aquela coisa que você faz sem gostar durante oito horas por dia, cinco ou seis dias por semana, em troca de dinheiro para, no fim de semana, fazer aquilo que você queria fazer o tempo todo.

Sei que eu gostaria de evitar trabalhar. Sei que, se pudesse fazer o que amo, não teria que trabalhar um só dia na minha vida. Mas tem um problema. Mesmo em minha detestável arrogância de adolescente cheio de espinhas, sei que isso é improvável se eu não for ótimo em alguma coisa.

E eu não sou ótimo em alguma coisa. Eu não sou ótimo em coisa alguma.

Bem, eu sou um bom imitador. Meu amigo Reggie Manuel diz que foi graças à minha imitação de Ian Paisley que consegui roubar a namorada dele, Zandra. Sou muito bom em imitar o discurso belicoso do reverendo Ian Paisley, líder dos unionistas do Norte.

“Não se rrrrendammm”, ele costumava rugir com seu forte sotaque irlandês.

Minha imitação de Ian Paisley faz Zandra rir tanto que digo a mim mesmo que tenho alguma chance, mas também sei que posso perdê-la para Keith-como-era-mesmo-o-nome-dele?, porque não basta ser engraçado. É preciso ser inteligente também, e eu sou inteligente o suficiente para saber que não sou inteligente. O suficiente.

Até pouco tempo atrás eu era inteligente na escola, mas ultimamente só consigo pensar em garotas e música. Sou inteligente o suficiente para perceber uma correlação.

Sei pintar muito bem, mas não da mesma forma que meu melhor amigo, Guggi. Sei escrever prosa muito bem, mas não tão bem quanto aquele talentoso sabe-tudo do Neil McCormick, que escreve para a revista da escola. Já flertei com a ideia de me tornar jornalista, quem sabe virar correspondente internacional, fazer reportagens em zonas de guerra. Mas para ser jornalista é preciso se dar bem nas provas, e estou tendo problemas nesse departamento. Meu problema é: estar na escola para fazer as provas.

E, em todo caso, estou envolvido em outras zonas de guerra no momento. Na nossa rua, na minha casa, na minha cabeça. Por que

ir até Timbuktu como correspondente de guerra quando há tanto material bom embaixo da minha cama? Os medos e fantasmas sob o travesseiro são as razões pelas quais às vezes não quero nem levantar. Ainda não sei que o rock 'n' roll — o punk rock em particular — vai garantir minha libertação.

Que isso vai pôr um fim à ocupação. Da minha cama.

Temos um sofá de couro marrom em nossa sala de estar no número 10 da Cedarwood Road. Um tapete com estampa de raios solares em tons de laranja e preto que corre rente às paredes e abraça nossos pés descalços no inverno. Acabamos de instalar aquecimento central e, pela primeira vez, o frio não nos persegue todas as manhãs do quarto ao banheiro.

Somos ricos.

Tão ricos que meu pai dirige um Hillman Avenger vermelho metálico. Tão ricos que tivemos uma televisão em cores antes dos nossos amigos. Uma televisão em cores é um negócio importante. Na nossa casa, ela faz a vida real parecer menos real, e, na minha adolescência, a vida para mim, para o Pai e para o Norman com frequência precisa parecer um pouco menos real.

Durante a década de 1970, no programa *Match of the Day*, a televisão em cores torna o verde dos campos de futebol do Old Trafford ou do Anfield ou do Highbury muito mais verdes do que qualquer campo nos fundos do nosso conjunto habitacional. As camisas vermelhas de George Best e Charlie George estão em chamas. As cores não favorecem muito Malcolm Macdonald. Qual é o sentido de torcer para o Newcastle United em suas listras monocromáticas quando o preto e branco virou passado?

Meu pai diz que a realeza também deve ficar no passado, mas ele concorda com minha mãe que a rainha fica ótima em cores. Todos os anos, minha mãe e meu pai podem discutir rindo sobre se nós irlandeses devíamos interromper o almoço de Natal para assistir ao pronunciamento de Sua Majestade, às 15h. É como se o mundo inteiro tivesse um fraco por fanfarras e desfiles, pela pompa e circunstância da realeza. Mas a guerra é em preto e branco, mesmo quando é transmitida em cores. Algumas partes do nosso país estão em guerra com outras. Nosso vizinho de porta, a Grã-Bretanha, sempre foi um valentão, mas agora nós crescemos um pouco. O sangue é escarlate nas notícias. Mais e mais bandeiras em nossas ruas marcam o espaço público com a história separatista da Irlanda e da Inglaterra, mas

isso não nos impede de parar para assistir ao *Trooping the Colour* no aniversário da rainha. Tudo ganha vida em uma televisão em cores.

Mas, mesmo sendo a terra do punk rock, para um adolescente dublinense, a Inglaterra nunca seria tão vívida quanto os Estados Unidos. Os “caubóis” criam todo um outro espectro — John Wayne, Robert Redford, Paul Newman —, assim como os “índios”, embora não pudessem opinar sobre o modo com que eram representados. O estilo dos apache, dos pawnee e dos moicanos influenciarão a aparência do punk. Além disso, há os homens da lei urbanos: Clint Eastwood no papel de Dirty Harry, Peter Falk como Columbo, ou Telly Savalas em *Kojak*.

Mas a ficção não era nada perto da vida americana real. Não chegava nem perto do deslumbrante programa espacial Apollo, a mais visionária das visões.

Que doideira é essa dos americanos de achar que podem levar um homem à Lua? O tipo de doideira que nós irlandeses adoramos. E não foi um membro da nossa própria família real, John Fitzgerald Kennedy, que teve a ideia de levar um homem à Lua? É o que o meu pai diz.

Sendo um adolescente na Dublin dos anos 1970, falo sério quanto a transformar o mundo em preto e branco fora dos parapeitos abarrotados de ornamentos da Cedarwood Road em um com o tipo de cor que se vê naquele televisor Murphy. E se eu quero ver a vida de forma diferente, quero ouvi-la de uma nova maneira também. Ultrapassar o tom monocórdio da desesperança adolescente até os sons mais redondos e ricos de outro objeto de arte em nossa sala de estar.

Nosso aparelho de som estéreo.

Temos um ótimo aparelho de som estéreo. Não é só um toca-discos para encher a casa com o som das óperas do meu pai. É também um gravador de rolo da Sony que vai operar uma reviravolta na minha vida. Ramones, The Clash e Patti Smith ressignificarão o mundo lá fora para mim, um processo que já havia começado com The Who e Bob Dylan, e a obsessão especial que desenvolvi por David Bowie, que, a princípio, imagino como integrante de uma dupla. Eu achava que Hunky Dory era o nome de seu parceiro, não de seu quarto álbum.

10 DE MAIO DE 1978

Um grande dia para um aprendiz de astro do rock de 1,70m, mas que jura ter 1,72m. É meu aniversário de 18 anos, mas isso é o de menos.

Não somos bons em comemorar aniversários na minha família. É verdade que é incrível ganhar uma nota de 5 libras do meu pai, mas não é por isso que o dia de hoje é especial.

Este é o dia em que vou aprender a fazer uma grande fuga, como Houdini. Melhor do que qualquer truque da corda indiana, vou fazer minha vida em preto e branco desaparecer para reaparecer em cores. Este é o dia em que vou escrever minha primeira música de rock 'n' roll e o primeiro single do U2. Devo agradecer ao milagre de Joey Ramone. E seus irmãos milagrosos. Mas sem Edge, Adam e Larry — meus próprios irmãos milagrosos —, ninguém jamais teria ouvido nada disso.

*Monday morning
Eighteen years of dawning
I said how long.
Said how long
It was one dull morning
I woke the world with bawling
I was so sad
They were so glad.
I had the feeling it was out of control
I was of the opinion it was out of control.**

Chamei a música de “*Out of Control*”[†] porque me dei conta — e Fiódor Dostoiévski pode ter dado uma mãozinha nisso — de que nós, humanos, temos pouca ou nenhuma influência nos dois momentos mais importantes de nossa vida: nascimento e morte. Parecia o tipo certo de foda-se para o universo que uma boa música de punk rock exige.

* Segunda-feira de manhã/ Dezoito anos de começos/ Eu disse “quanto tempo.”/ Disse “quanto tempo”/ Era uma manhã cinzenta/ Eu acordei o mundo com meu choro/ Eu estava tão triste/ E eles tão felizes/ Eu sentia que as coisas estavam fora de controle/ Eu acreditava que as coisas estavam fora do controle.

† A música foi lançada em 26 de setembro de 1979, em um EP chamado *Three*, com outras duas músicas: “*Stories for Boys*” e “*Boy/Girl*”. A ordem das canções foi selecionada pelos ouvintes do programa de rádio da RTE de Dave Fanning, e Dave foi o primeiro DJ a tocar nossa primeira música. Ele foi a primeira pessoa a tocar todos os nossos novos singles desde então. (N. do A.)

IRIS



Iris (Hold Me Close)

*The star,
that gives us light
Has been gone a while
But it's not an illusion
The ache
In my heart
Is so much a part of who I am
Something in your eyes
Took a thousand years to get here
Something in your eyes
Took a thousand years, a thousand years.**

Imagine um homem de 55 anos cantando para a mãe diante de vinte mil pessoas, todas as noites.

Quer dizer, que diabo é isso?

É difícil perder a mãe aos 14 anos, mas talvez ele já devesse ter superado. De verdade.

Como vocalista do U2, sou alvo de uma quantidade considerável de assédio. Justo ou não, faz parte do trabalho, e na maior parte do tempo eu curto. Nada que se compare com o tipo de merda da

* A estrela/ que nos dá a luz/ Já se foi há tempos/ Mas não é uma ilusão/ A dor/ No meu coração/ É uma parte enorme de quem eu sou/ Algo em seus olhos/ Levou milhares de anos para chegar até aqui/ Algo em seus olhos/ Levou milhares de anos, milhares de anos.

qual eu mesmo me acuso, especialmente no palco, quando todo tipo de coisas psicodélicas e psicológicas podem estar acontecendo. Tem muita estática naquele palco e naquela multidão.

Que diabo é isso?

A pergunta acima? É um exemplo das acusações mais insanas que ouço em minha mente pouco antes de começar a cantar “Iris”. É como se meu demônio pessoal estivesse ao meu lado, semeando dúvidas a cada passo. Um diabinho grafitando mensagens de impacto por todas as paredes do meu amor-próprio. Mas acontece que o diabinho sou eu; então, por que eu me submeteria a isso?

Alguém disse que rezar é como estar no mar bravio a bordo de um barquinho sem remos. Tudo que você tem é uma corda que, em algum lugar distante, está presa ao porto. Com essa corda você pode se aproximar de Deus.

As músicas são as minhas preces.

CACHOS NEGROS E AS BELDADES DA IGREJA

Tenho pouquíssimas lembranças de minha mãe, Iris. Meu irmão, Norman, também não se lembra de muita coisa. A explicação simples é: depois que ela morreu, nunca mais se falou dela em nossa casa.

Temo que tenha sido pior do que isso. Raramente voltamos a pensar nela.

Éramos três homens irlandeses e evitamos a dor que sabíamos que viria ao pensar nela e falar sobre ela.

Em 2014, no álbum *Songs of Innocence*, eu me permiti olhar para o passado e levantar pedras sob as quais sabia que havia seres rastejantes assustadores. Em “Iris” tentei tecer os fios de memória que eu tinha da minha mãe.

Eu me cantaria para ela.

Eu a encontraria.

Três dias antes do lançamento do álbum, entrei em pânico. Abandonnei a ideia de mandar a música “Iris” ao éter dos lançamentos musicais, de colocar no mundo a canção de um homem de 54 anos que chora pela mãe morta. “Iris” pareceu, no último minuto, exagerada em todos os sentidos: suave demais, ampla demais, exposta demais,

demais para uma banda ter que sofrer em nome de um cantor. Sendo inicialmente um lançamento digital para 500 milhões de pessoas (esta é outra história, chegaremos a ela), tentei tirar a música do álbum. Não era como se um milhão de CDs ou LPs tivessem que ser enviados para um aterro sanitário. Mas o digital também tem prazos, e eu tinha perdido o meu. A Apple havia subido o álbum em seus inúmeros sistemas virtuais, e tirar a faixa significaria explodir o mundo.

Ou algo igualmente ruim.

Olhei para a parede me perguntando por que a ferida ainda estava tão aberta assim, por que Iris ainda doía depois de tantos anos. Quantos, exatamente? Estamos em 2014, quarenta anos depois. E em setembro — quarenta anos exatamente naquele mês.

Sério? Qual era a data exatamente? Eu não conseguia lembrar. Mande uma mensagem para meu irmão. Ele também não lembrava. Ele ligou para nosso tio Jack, que também não conseguia lembrar, embora lembrasse que “Gags” Rankin — nosso avô — fora enterrado em 9 de setembro, porque foi essa a última vez em que ele viu a irmã.

O álbum foi lançado em 9 de setembro. Sem que ninguém soubesse, *Songs of Innocence* chegava ao mundo na mesma data em que falei com minha mãe pela última vez. Qual seria o sentido desses acasos felizes? Coincidência? Por valorizar o mistério de cada rima cósmica, tomei isso como algo reconfortante, sinal de que eu estava fazendo a coisa certa.

*Free yourself to be yourself
If only you could see yourself.**

Essa frase — “Liberte-se para ser você mesmo” — se tornou meu mantra, e as lembranças começaram a voltar.

Iris, com seus cabelos escuros, rindo. Seu humor ácido. Rir na hora errada era seu ponto fraco. Meu pai, Bob, da parte pobre de Dublin, levou Iris e sua irmã Ruth ao balé, e acabou envergonhado com as risadinhas abafadas agudas como uivos que ela dava ao ver as marcas das coquilhas nos *collants* dos bailarinos.

* Liberte-se para ser você mesmo/ Se ao menos você pudesse ver a si mesmo.

Lembro que com 7 ou 8 anos eu era um menino malcriado.

Iris correndo atrás de mim, agitando uma longa bengala que seu amigo Onagh Byrne garantiu que me disciplinaria. Eu, temendo pela minha vida enquanto Iris me perseguia pelo jardim. Mas, quando me atrevi a olhar para trás, ela estava rindo muito, sem levar um pingão de fé nessa disciplina medieval ou na maldade do filho.

Eu me lembro de estar na cozinha, vendo Iris passar o uniforme escolar do meu irmão, o zumbido baixo da furadeira elétrica do meu pai no andar de cima, onde nosso pai faz-tudo estava pendurando uma prateleira que tinha feito.

De repente, o som de sua voz, gritando. Um som desumano, um ruído animal.

“Iris! Iris! Chame uma ambulância!”

Corremos até a escada e o avistamos no topo, segurando a ferramenta elétrica, aparentemente tendo perfurado a própria virilha. A broca havia escorregado, e ele estava rígido com o temor de nunca mais ficar rígido novamente. “Eu me castrei!”, gritou ele.

Também fiquei em estado de choque ao ver meu pai, o gigante do número 10 da Cedarwood Road, caído como uma árvore. E eu não sabia o que aquilo significava. Iris sabia, e também ficou chocada, mas não era esse o olhar em seu rosto. Não, o olhar em seu rosto era o de uma bela mulher contendo o riso, e, depois, o olhar de uma bela mulher que não conseguia conter o riso à medida que aquilo tomava conta dela. O riso de uma garota ousada na igreja cujos esforços para não cometer sacrilégio só causam uma explosão maior quando tudo finalmente irrompe.

Ela pegou o telefone, mas não conseguiu ligar para a emergência; estava morrendo de rir. Meu pai se recuperou. O casamento sobreviveu ao incidente. E essa lembrança ficou marcada.

Iris era uma mulher prática. Ela mesma era uma faz-tudo. Sabia trocar o plugue de uma chaleira e costurar: cara, como ela costurava! Ela se tornou costureira em meio período quando meu pai se recusou a deixar que ela trabalhasse como faxineira na Aer Lingus, junto com suas melhores amigas da Cedarwood Road.

Houve um grande embate entre os dois, a única briga de verdade de que me lembro. Eu estava no quarto tentando escutar o que

diziam e ouvi minha mãe enfrentá-lo com um discurso furioso em defesa própria, dizendo “você não manda em mim”. E, para ser justo, ele não mandou. Mas a súplica teve sucesso no ponto em que a ordem havia fracassado, e Iris desistiu da oportunidade de trabalhar no aeroporto de Dublin. Anos depois, não era pouca a dor que eu sentia ao encontrar suas grandes amigas Onagh e Winnie ao pousar no aeroporto. Iris tinha partido, mas por vezes eu conseguia vê-la ao lado delas.

MANHÃS DE DOMINGO NAS DUAS IGREJAS DE SÃO CAINNECH

*Hold me close, hold me close and don't let me go.
Hold me close like I'm someone that you might know
Hold me close the darkness just lets us see
Who we are
I've got your light inside of me.**

Bob era católico; Iris, protestante. O casamento deles escapou ao sectarismo da Irlanda na época. E, como Bob acreditava que minha mãe era quem devia decidir sobre a instrução religiosa das crianças, nas manhãs de domingo, meu irmão e eu ficávamos com nossa mãe na igreja protestante de São Cainnech de Aghaboe, em Finglas. Depois, meu pai ia para a missa na igreja católica, mais acima na mesma rua. Que também se chamava São Cainnech de Aghaboe.

Confuso? Sim!

Cerca de um quilômetro separava as duas igrejas; mas, na década de 1960 na Irlanda, um quilômetro era muita coisa. Os “Prods” naquela época tinham os melhores hinos, e os católicos tinham o melhor equipamento de palco. Gavin Friday, meu vizinho de rua, costumava dizer: “O catolicismo apostólico romano é o glam rock da religião”, com suas velas e cores psicodélicas — azuis berrantes, escarlates e roxos —, suas bombas de fumaça de incenso e o som do sininho. Os Prods usavam mais os sinos maiores, porque, como Ga-

* Me abraçe forte, me abraçe bem de perto e não me solte./ Me abraçe forte como se eu fosse alguém que você conhecesse/ Me abraçe forte, a escuridão só nos deixa ver/ Quem nós somos/ Eu tenho a sua luz dentro de mim.

vin disse, “eles podiam comprá-los!”. Para boa parte da população na Irlanda, riqueza e protestantismo andavam de mãos dadas. Ser rico e protestante era ter compactuado com o inimigo — isto é, a Grã-Bretanha. Esse era o pensamento bastante distorcido nas décadas de 1960 e 1970. Na verdade, a Igreja da Irlanda forneceu muitos dos insurgentes mais famosos, e ao sul da fronteira sua congregação era modesta em todos os sentidos. Pessoas muito simples, muito simpáticas. Na verdade, em vez de intolerância e preconceito, o excesso de gentileza é que era o problema. Nas festas nos jardins e nas feiras só o que podia matar alguém era o pão doce. A Igreja da Irlanda só mataria alguém por excesso de gentileza!

Meu pai era extremamente respeitoso com a comunidade eclesial com a qual se ligara por casamento e, então, depois de frequentar a missa sozinho um pouco adiante, ele voltava de sua São Cainnech para esperar do lado de fora da nossa São Cainnech até que sua esposa e seus filhos saíssem, e depois nos levava para casa.

Iris e Bob cresceram na parte pobre de Dublin, perto da Oxmantown Road, uma área conhecida como Cowtown porque às terças e quintas sediava a feira agropecuária. Ao lado do Phoenix Park — que, reza a lenda, era o maior parque em um centro urbano de toda a Europa —, aquele era um lugar onde Bob e Iris adoravam passear e ver os cervos correrem soltos. Algo incomum para um “Dub”, como os moradores da parte pobre da cidade eram conhecidos, Bob jogava críquete no parque, e a mãe dele, Vovó Hewson, ouvia a BBC para saber o resultado das partidas.

O críquete não era um jogo popular entre a classe trabalhadora na Irlanda. Adicione isso ao meu pai economizando para comprar discos de suas óperas favoritas, levando a esposa e a irmã dela ao balé — e depois proibindo Iris de se tornar uma “Moça da Limpeza”, como ele chamava, embora as amigas dela fossem —, e você talvez ache Bob um pouquinho esnobe. Os interesses dele não eram a norma na rua em que morava, sem dúvida. Na verdade, toda a família era um pouco diferente. Meu pai e o irmão dele, Leslie, sequer tinham o sotaque carregado de Dublin. Era como se sempre falassem com a voz que usavam ao telefone.

O nome de família do meu pai, Hewson, também é incomum, por ser ao mesmo tempo protestante e católico. Quando estive em um pub

chique durante uma turnê no Reino Unido, uma vez vi o alvará da decapitação de Carlos I, que tinha um tal John Hewson entre os sete signatários. Um republicano? Bom. Um dos capangas de Cromwell? Ruim.

Quando criança, eu podia ver que os Hewson tendiam à introspecção, enquanto os Rankin pareciam mais à vontade comigo mesmo. Os Hewson eram dados a pensar demais. Meu pai, por exemplo, não ia visitar os irmãos e irmãs caso eles não quisessem vê-lo. Ele precisava ser convidado. Minha mãe — uma Rankin — dizia a ele para simplesmente ir. Seus parentes viviam aparecendo uns na casa dos outros. Qual é o problema? Somos família. Os Rankin riem o dia todo, e se os Hewson não são capazes de fazer o mesmo, ao menos temos um gênio que nos mantém entretidos. Um grande gênio.

Talvez eu tenha um pouco disso.

Há outra diferença. A família Rankin é propensa a aneurismas cerebrais.

Das cinco irmãs Rankin, três morreram disso. Incluindo Iris.

JESUS, IRIS E JOSÉ!

Minha mãe só me ouviu cantar em público uma vez. Interpretei o faraó no musical *José e o deslumbrante manto de mil cores*, de Andrew Lloyd Webber. Na verdade, tratava-se do papel de um imitador de Elvis, então, foi isso o que eu interpretei. Vestido de Elvis, fiz beicinho e trouxe a casa abaixo. Iris riu sem parar. Ela parecia surpresa que eu soubesse cantar, que eu levasse jeito para a música, o que é estranho, porque eu insinuava isso com bastante frequência.

Quando era bem pequeno, na época em que minha cabeça ficava na altura do teclado, o piano me encantava. Havia um no salão paroquial, e todo tempo que eu conseguia ficar a sós com ele era considerado sagrado. Eu passava um tempão descobrindo o som de cada tecla, ou o que acontecia se eu pressionasse um dos pedais. Eu não sabia o que era ressonância; não podia acreditar que uma ação tão simples poderia transformar a nave da nossa igreja em uma catedral. Eu me lembro da minha mão encontrando uma nota e depois procurando outra para rimar com ela. E outra. Nasci com melodias na cabeça e estava à procura de uma maneira de ouvi-las no mundo.

Iris não buscava esse tipo de sinal, por isso não viu.

Iris não era romântica; era pragmática. Uma mulher frugal que fazia as próprias roupas. Quando minha avó decidiu vender o piano dela, minhas insinuações sobre como ele ficaria bem na nossa casa não poderiam ter sido menos sutis.

“Não seja bobo, onde a gente vai colocar isso?”. Nada de piano na nossa casa. Não tinha espaço.

Iris teve uma segunda chance de resolver isso. Quando eu tinha 11 anos, meus pais me mandaram para a St. Patrick’s Cathedral, uma escola no centro da cidade famosa por seu coral de meninos. Na entrevista, o Sr. Horner, o diretor, perguntou se eu teria algum interesse em fazer parte do coral. Meu coração se animou, mas eu tinha o nervosismo de uma criança de 11 anos que reivindicava um talento ao qual ainda não tinha feito jus. Iris, percebendo meu constrangimento, respondeu por mim.

“De jeito nenhum. Ele não está interessado em cantar.”

Para uma criança tão evidentemente prometida à música, o comportamento da minha mãe pode parecer um pouco estranho, um pouco fora de contato com o filho mais novo, mas não acho que seja o caso. Iris era uma solucionadora de problemas, não uma criadora de problemas. Ela só estava sendo prática.

DA CATEDRAL AO TEMPLO

*Once we are born, we begin to forget
The very reason we came
But you I'm sure I've met
Long before the night the stars went out
We're meeting up again.**

Em setembro de 1972, eu tinha 12 anos e estava no meu primeiro ano na Mount Temple. A St. Patrick’s Cathedral não tinha sido boa para mim, e eu também não fui bom para eles. A gota d’água foi uma professora de espanhol conhecida como Biddy, que eu estava convencido

* Uma vez que nascemos, começamos a esquecer/ O real motivo pelo qual viemos/ Mas você eu tenho certeza que conheci/ Muito antes da noite em que as estrelas se apagaram/ Vamos nos encontrar novamente.

de que riscava o meu dever de casa sem nem olhar para ele. Eu me sentia violentado, mas o que começou como uma brincadeira acabou transformando também a mim em um valentão. Quando o tempo estava bom, Biddy ia com seu Tupperware transparente até um banco de parque para almoçar à sombra da magnífica St. Patrick's Cathedral, a maior do país. Os meninos da escola St. Patrick's não podiam ir ao parque na hora do almoço, mas encontrei uma maneira de subir nas grades e, um dia, com ajuda de alguns cúmplices, arremessei um cocô de cachorro que caiu dentro do Tupperware dela. Uma vingança por ela cagar para o nosso dever de casa. Talvez tenha caído um pouco de cocô no cabelo dela, também, o que era muito ruim. Não surpreende que, no final daquele semestre, Biddy quisesse esse merdinha aqui o mais longe possível, e sugeriu-se que eu poderia ser mais feliz em outro lugar. Então, fui para a Escola Experimental Mount Temple.

A Mount Temple foi uma libertação.

A escola era um experimento de educação mista e não denominacional, algo notável na época para a conservadora Irlanda. Em vez de classes A, B e C, as seis classes do primeiro ano eram D, U, B, L, I e N. Éramos estimulados a ser nós mesmos, a ser criativos, não usávamos uniforme. E tinha meninas. Que também não usavam uniforme.

O desafio eram as duas viagens de ônibus para chegar lá, a longa jornada ao centro da cidade do lado noroeste e depois para o nordeste. A menos que você pedalasse, que foi o que meu amigo Reggie Manuel e eu começamos a fazer. Foi em uma ladeira sem fim que aprendemos a segurar no caminhão de leite, e não sei se já me senti tão livre quanto naqueles dias pedalando para a escola com Reggie. O clima não permitia que andássemos de bicicleta o tempo todo e nos condenava ao trabalho penoso da viagem de ônibus, mas a compensação vinha às sextas-feiras, porque estaríamos no centro depois da aula e teríamos a chance de ir até a Dolphin Discs, na Talbot Street. A chance de olhar para capas de álbuns como *Raw Power*, dos Stooges, ou *Ziggy Stardust*, de David Bowie.

HOMENS E MULHERES QUE CAÍRAM NA TERRA

A única razão pela qual eu não estava na Dolphin Discs às 17h30 em 17 de maio de 1974 é que uma greve de ônibus me fez ir de bicicleta para a escola. Já estávamos em casa quando as ruas ao redor da

loja foram pelos ares com a explosão de um carro-bomba na Talbot Street; outro explodiu na Parnell Street, e mais um, na South Leinster Street, tudo em questão de minutos, em um ataque coordenado por um grupo extremista leal ao Úlster cujo objetivo era demonstrar ao Sul o que era terrorismo. Uma quarta explosão ocorreu em Monaghan, e a contagem final de mortos ficou em 33 pessoas, incluindo uma jovem mãe grávida, toda a família O'Brien, e uma francesa cuja família sobrevivera ao Holocausto.

Naquele dia, não desviei de uma bala: mas de uma carnificina. O irmão de 11 anos de Guggi, Andrew Rowen, que a gente chamava de Guck Pants Delaney, não teve a mesma sorte. Ele e o pai, Robbie Rowen, estavam estacionados na Parnell Street quando o ataque aconteceu. O pai trancou Andrew no carro enquanto tentava resgatar pessoas da destruição. Andrew observou horrorizado os corpos desmembrados e sem propósito ao seu redor. Anos depois, liguei para perguntar se ele se importaria se eu escrevesse sobre aquele dia em uma música chamada "Raised by Wolves". "Um segundo", disse ele, e, quando retornou à linha, me contou que estava segurando um estilhaço do carro-bomba original. Ele guardou um pedacinho da bomba por quarenta anos, evidência de um trauma que levou um pedacinho dele. Palavras dele mesmo. Aos 15 anos ele estava nos jornais por atirar em um intruso que invadiu a loja de bicicletas da qual estava cuidando. Aos 20, viciado em heroína, dormia nas ruas de Londres. Escrevi nossa música "Bad" sobre Andrew.

O Dalai Lama diz que só podemos começar a meditar verdadeiramente sobre a vida meditando sobre a morte. Meio gótico, mas tem um quê de verdade. A finitude e a infinitude são os dois polos da experiência humana. Tudo o que fazemos, pensamos, sentimos, imaginamos, discutimos é moldado pela noção de que nossa morte é o fim ou o começo de outra coisa. É preciso muita fé para não ter fé. Grande força de caráter para resistir aos textos antigos que sugerem uma vida após a morte.

Aos 14 anos, nada disso era abstrato.

SEQUÊNCIA DE SONHOS ACORDADO

Quinta-feira, 12 de setembro de 1974, meu aniversário de 14 anos. Meu pai está carregando minha mãe nos braços em meio a uma

Alex, o próximo, e Jack, que é casado com Barbara, um casal que se tornou minha outra família próxima, com quem dividimos um *trailer* durante as férias. Jack e Barbara estão perto de Ruth e Teddy. Admiro Barbara, que de muitas maneiras substituirá minha mãe, e sinto o peso do luto. É como se a força da gravidade dobrasse.

Barbara luta para ficar de pé. Ruth, a mais próxima em idade, e em muitos outros aspectos, de minha mãe, imediatamente assume o papel da irmã mais velha e começa a se organizar.

Tudo isso está acontecendo um momento antes de alguém perceber que eu, o filho mais novo de Iris, também estou presente. Talvez eu não precise estar ouvindo essas notícias, assim, agora. Mas ouço. Tenho 14 anos e estou estranhamente calmo. Digo às irmãs e irmãos da minha mãe que vai ficar tudo bem. Mas não está tudo bem. E nem vai ficar.

Tudo será diferente.

Três dias depois, Norman e eu somos levados ao hospital para nos despedirmos da nossa mãe. Ela está viva, mas mal. O pároco, Sydney Laing, cuja filha estou namorando, está presente. Ruth está do lado de fora do quarto do hospital, chorando. Com Barbara. E meu pai, cujos olhos parecem ter menos vida do que minha mãe. Norman e eu entramos na sala de emergência em guerra com o universo, mas Iris parece em paz. É difícil imaginar que uma grande parte dela já tenha partido. Sou lembrado de que com uma fé do tamanho de um grão de mostarda é possível mover uma montanha. Mas esta montanha é a mortalidade da minha mãe, e ela não sairá do caminho. Seguramos a mão dela e dizemos adeus. Soa um clique, mas não ouvimos. O som de um interruptor. A máquina que mantém Iris quente é desligada. Eletricidade, esta bobina mortal. Partiu.

*The stars are bright but do they know
The universe is beautiful but cold.**

Às vezes, como diz um velho Spiritual, me sinto como uma criança órfã de mãe. O que acontece diante da perda de uma mãe? Algo dentro do filho sente que a mãe escolheu ir embora?

* As estrelas brilham, mas será que elas sabem/ Que o universo é lindo, mas frio.

O abandono é provavelmente a raiz da paranoia. John Lennon, Paul McCartney, Bob Geldof, John Lydon, tantos cantores de rock perderam as mães em tenra idade. Deve haver algo nisso. Um amigo me fala de um abandono semelhante no hip-hop. No carro deles, quem conduz o veículo é o abandono do pai.

VERSOS DE CANÇÃO: DE IRIS A ALI

Grandes sons de bateria, grandes temas, grandes emoções. Sempre amei músicas grandiosas. As músicas são minhas preces. As músicas também são onde moro, e, se você mora em suas músicas, quer se certificar de que há espaço suficiente nelas. O tamanho de uma música é importante. Suas emoções precisam caber nela e muitas das emoções que eu não conseguia expressar quando jovem, morando no número 10 da Cedarwood Road, encontraram expressão nas músicas do U2.

Essas músicas se tornaram minha casa.

Ao escrever “Iris”, me vi passando de cantar sobre minha mãe para cantar sobre Ali, o que é compreensível, mas imperdoável. Um homem nunca deve transformar a mulher amada em sua mãe. É uma cilada na qual uma garota carinhosa pode cair e que um garoto egoísta pode explorar, mas aconteceu naquele momento. Eu estava cantando para Iris e, de repente, não estava mais.

*You took me by the hand
I thought that I was leading you
But it was you made me your man
Machine
I dream
Where you are
Iris standing in the hall
She tells me I can do it all.**

* Você me pegou pela mão/ Eu pensei que estava te guiando/ Mas foi você que me fez seu homem/ Máquina/ Eu sonho/ Com onde você está/ Iris de pé no corredor/ Ela me diz que sou capaz de tudo.

SURRENDER

The Man-Machine, do Kraftwerk, foi o primeiro presente que comprei para Ali, que parecia ouvir principalmente a coleção de *crooners* do pai. Eu não sabia, mas Ali se tornaria aquela que acreditaria em mim, agora que minha mãe não podia mais ser essa pessoa. Eu não sabia, mas anos depois, quando meu pai faleceu, Ali me explicaria que de alguma forma eu o culpava pela morte de Iris, e que a raiva dentro de mim, uma raiva que ainda pode me dominar, jazia nisso.

*Iris playing on the strand
She buries the boy beneath the sand,
Iris says that I will be the death of her
It was not me.**

A raiva que é o rock 'n' roll.

Toda a raiva que leva você para fora da página e para cima do palco. Toda noite você canta para ela e por meio dela.

Eu não a matei; você a matou ao ignorá-la.

Você não vai me ignorar!

Iris.

Você não está mais cantando a música; a música está cantando você.

Libertar-se da inibição é a jornada mais importante para qualquer artista; é a mais difícil. Mas, quando você consegue, o palco se torna o lugar onde você se sente totalmente em casa, onde, de uma forma estranha, você é totalmente você mesmo.

Yeats entendeu isso.

*Ó corpo que o som move, ó brilho que o olhar lança,
Como podemos separar o dançarino da dança?*

* Iris brincando na praia/ Ela enterra o menino na areia,/ Íris diz que vou matá-la/ Não fui eu.

Surrender: 40 músicas, uma história é o aguardado livro de memórias de Bono — artista, ativista e vocalista da banda irlandesa de rock U2. Um dos artistas mais icônicos do mundo, Bono teve sua carreira amplamente documentada. Mas, em *Surrender*, é ele quem está com a caneta em mãos, escrevendo pela primeira vez sobre os feitos de sua vida notável e sobre aqueles com quem ele a compartilha.

Com sua narrativa envolvente, Bono nos transporta para sua infância em Dublin, e fala da morte repentina da mãe, quando ele tinha 14 anos. O autor também detalha a jornada improvável do U2 até se tornar uma das mais influentes bandas de rock do mundo, além dos seus 20 anos de ativismo dedicado à luta contra a AIDS e a pobreza extrema. O subtítulo *40 músicas, uma história* faz referência aos quarenta capítulos do livro, cada um com o nome de uma música do U2.

Com uma profunda autorreflexão e senso de humor, ele analisa sua vida até o momento, assim como a fé, família e amigos que o sustentaram, desafiaram e moldaram. Entre os temas recorrentes, o desperdício do potencial humano e a fé, descrita por Bono como um sinal extraído do barulho, uma “voz mansa e delicada” que ele ouve mais alto em seu casamento, em sua música e nas causas sociais que defende.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1217/>